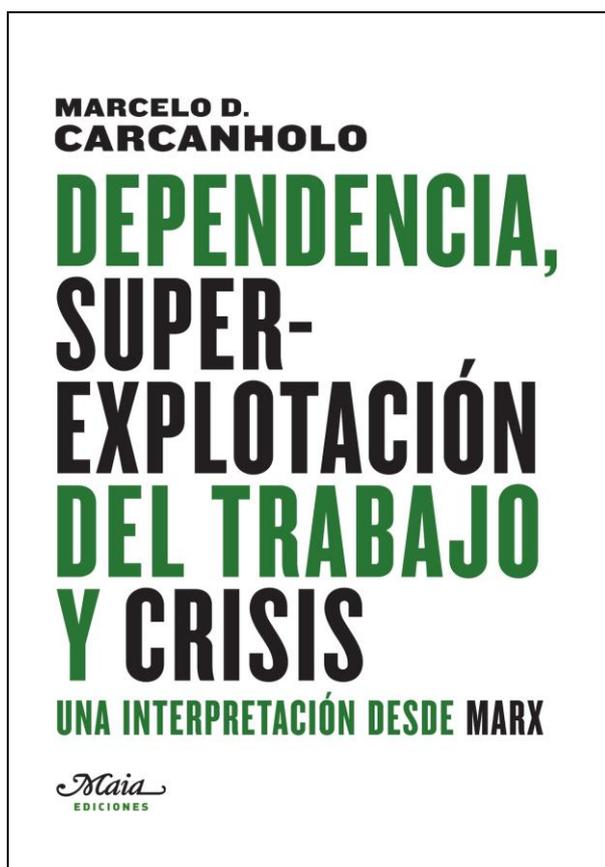


Dependencia, super-explotación Del Trabajo y Crisis: una interpretación desde Marx

Dependence, over-exploitation of labour and crisis: an interpretation from Marx

Naara de Lima CAMPOS*



RESENHA/ BOOK REVIEW

CARCANHOLO, Marcelo Dias.
Dependencia, super-explotación Del Trabajo y Crisis: una interpretación desde Marx. Madrid: Ediciones Maia, 2017.
177 p.

* Assistente Social, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil). Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES, CEP: 29075-910. E-mail: <naaracampos@yahoo.com.br>.

Neste trabalho, Marcelo Carcanholo, um dos estudiosos com mais alto grau de rigor teórico na análise da teoria marxista, visa alcançar um objetivo tão oportuno quanto complexo: resgatar a teoria do valor de Marx, na compreensão do funcionamento do valor-capital a escala mundial, do ponto de vista da dependência, da superexploração do trabalho e do capital.

Assim, o autor apresenta uma interpretação da atual fase do capitalismo, que inclui: capitalismo contemporâneo, a crise (iniciada em 2007), os impactos da acumulação de capital na constituição da economia mundial atual e seus efeitos sobre as diferentes economias que participam da divisão internacional do trabalho, bem como sobre a classe trabalhadora como um todo.

Com base na teoria do valor de Marx, Carcanholo (2017) revisa criticamente o debate sobre a teoria marxista da dependência e, assim, reconstitui uma base teórica para interpretar o caráter específico ou a especificidade que marca as diferentes interações das economias na acumulação de capital, em nível mundial, denominado de dependência ou de capitalismo dependente. Ele avança no desenvolvimento das formas em que a dependência se manifesta atualmente com um cuidado de precisar sobre as diferentes leituras da teoria marxista da dependência, e assim reconstruir uma base teórica de análise condizente com a lei geral de acumulação capitalista. Neste aspecto, trata também de esclarecer sobre a problemática que envolve considerar a categoria “nação” como mecanismo central na superexploração, em detrimento do capital em geral. O trabalho é apresentado na forma de uma introdução, seguida de quatro capítulos e uma conclusão.

O livro parte da consideração de que Marx, em sua teoria, não desenvolveu uma exposição sobre o fato de que o valor (capital) atua de forma desigual em diferentes regiões da economia mundial. No entanto, reconhece que Marx nos deixou pistas para essa tentativa. Carcanholo (2017) assume que uma condição necessária para uma teoria marxista da dependência é a realização de um tratamento rigoroso da operação da lei do valor em escala mundial. Os vários níveis de desenvolvimento capitalista nas economias são uma consequência da forma desigual e combinada historicamente determinada, em que as leis gerais do modo de produção capitalista se manifestam em um dado momento histórico. Portanto, a categoria "mercado mundial", em Marx, está aqui situada como central. O mercado mundial de Marx “[...] representa el capitalismo mundial, las leyes generales de tendencia que constituyen el capitalismo a escala, desarrolladas de forma desigual, mundial [...]” (CARCANHOLO, 2017, p. 14).

No primeiro capítulo, o autor se ocupa em demonstrar a especificidade do capitalismo em sua atual fase de crise e seus impactos. Posto isso, afirma que as razões da crise atual, uma crise cíclica, manifestada a partir de 2007, podem ser desveladas pelas respostas dadas à última grande crise estrutural, dos anos 60 e 70 do século passado. Tais respostas históricas incluíram um processo de reestruturação produtiva; reformas estruturais do mercado de trabalho; elevação de parte do valor produzido pelo capitalismo para a apropriação/acumulação dos países centrais; expansão dos mercados com a intensificação dos processos de abertura comercial e liberalização financeira e, por fim, alterações na lógica

de acumulação do capital, segundo as determinações dadas pelo que Marx denominou de capital fictício.

Carcanholo (2017) considera esse último elemento como central, no que diz respeito às respostas da grande crise estrutural, para a compreensão dos efeitos que esta produz e que podemos encontrar entremetidos no capitalismo contemporâneo. A todas as respostas já apontadas para a crise, soma-se à ascensão de uma ideologia neoliberal que impulsionou e respaldou as estratégias do grande capital. Tal ideologia tornou-se hegemônica direcionando práticas políticas convergentes ao movimento de retomada capitalista.

Para afinar os argumentos, o autor desmistifica e faz críticas às concepções equivocadas de capital fictício reafirma que a nova crise do capital, no início do século XXI, se explica pelo predomínio da disfuncionalidade da lógica do capital fictício com a acumulação do capital total, e seus impactos resvalaram mais ferozmente nas economias dependentes que, estruturalmente, são subordinadas ao comportamento do centro mundial da acumulação de capital.

A partir disso, o autor apresenta três elementos que denotam a forma como o capitalismo buscou sair da crise. Um deles deu-se a partir de um forte aumento da taxa de mais-valia, isto é, da taxa de exploração da força de trabalho, de todas as formas possíveis, mas, sobretudo através do rebaixamento de salários, uma maior perda de direitos trabalhistas, e a extensão e aumento da intensidade da jornada de trabalho sem a elevação dos salários. Um ajuste neoliberal, sob um véu discursivo mistificador da necessidade de redução de custos de contratação de força de trabalho para elevar o emprego. O segundo elemento consiste na criação/ expansão de novos espaços de valorização do capital, ou seja, para a atuação dos capitais sobrantes. Tal processo se concretiza a partir das privatizações e redução dos gastos públicos nos setores sociais. Por último, mas não menos importante, a necessidade de “monetização” do capital fictício superacumulado, ou seja, o abastecimento da liquidez necessária para estabilizar os mercados financeiros. Trata-se de um papel fundamental cumprido pelo Estado, já que esta instituição corresponde a um elemento de dominação de classe. Em última instância, o cumprimento desse papel pelo Estado invariavelmente leva a uma expansão da dívida pública.

No capítulo 2, o autor se propõe a fazer um importante resgate crítico à teoria marxista da dependência. Sabedor de que tal teoria foi desenvolvida nos anos 60 do século passado, afirma não ser possível meramente transferi-la mecanicamente ao contexto concreto de crise do capitalismo contemporâneo. Essa teoria, ora esquecida por boa parte das correntes mais críticas do pensamento social, no meados dos anos 90 do século passado, e de forma mais intensa neste século que se inicia, passa por um processo de reabilitação, considerando o momento histórico de neoliberalismo e agudização da condição de dependência dos países periféricos. Tal resgate crítico implica considerar as principais teses da teoria marxista da dependência, destacadamente por Carcanholo (2017) como: o centro e a periferia como elementos contraditórios de uma mesma unidade dialética, o capitalismo mundial; a identificação dos condicionantes estruturais da dependência; e a necessidade de articulação dialética desses condicionantes às distintas especificidades conjunturais.

Carcanholo (2017) apresenta as contribuições da obra de Ruy Mauro Marini para uma teoria da dependência, ao mesmo tempo em que, o debate a partir de Marini carece de novos movimentos pensantes, quando consideramos que as características estruturais que fazem uma economia dependente, perduram, a partir de certas especificidades.

Carcanholo (2017) deixa nítido ainda que Marini tratou de realizar uma leitura em outro nível, porque não dizer, em um menor nível de abstração a que se propôs Marx para o capitalismo geral, a fim de questionar-se sobre as especificidades do capitalismo dependente a partir de mediações específicas. Marx trabalhou para descobrir as leis de funcionamento da sociedade capitalista, independente das formas históricas concretas apresentadas. Assim, a categoria central na obra de Marini, conhecida como “superexploração”, constitui-se como intermediária, que não aparece no capital, mas desde a perspectiva da teoria da dependência, serve para compreender um aspecto da realidade específica não tratada por Marx.

As especificidades e os debates em torno da categoria superexploração da força de trabalho é o que percorre o capítulo 3. Com precisão e rigor teórico, o autor demonstra que desde uma perspectiva marxista da dependência, não por uma mera retórica ou preciosismo terminológico, devemos compreender a superexploração como uma categoria teórica. Isso importa para afirmarmos que ela tem uma especificidade, e não se trata de uma “maior exploração”. Ademais, considerar que a superexploração diz respeito à força de trabalho e não ao trabalho, é fundamental para não perder de vista a dialética da mercadoria força de trabalho, a fim de não mistificar a origem da mais-valia.

Um pergunta central e extremamente atual é respondida por Carcanholo (2017) ao final deste capítulo, qual seja: em tempos de globalização neoliberal ocorre um processo de superexploração dos países centrais? Uma resposta afirmativa a essa questão tem sido a tese defendida por Valencia(2007), baseada na constatação de que nos países centrais existem formas específicas de elevar a taxa de mais-valia concretamente até produzir situações em que o salário situa-se abaixo do valor da força de trabalho. Carcanholo (2017) trata de refutá-la.

No derradeiro capítulo, o autor apresenta como o neoliberalismo aprofundou o caráter dependente de “Nuestra América”, e como as lutas sociais, populares, dos trabalhadores tornaram-se mais complexas no atual cenário do capitalismo dependente. Assim, é premissa fundamental compreender o neoliberalismo e a relação estabelecida entre ele e os determinantes estruturais e conjunturais da condição dependente dos países latino-americanos, a fim de desvelar de que forma tal relação redefine os marcos nos quais se encontram as lutas transformadoras, anticapitalistas, nesta região. A partir de uma análise bastante rigorosa, vê-se que a atual etapa da crise da economia capitalista mundial está longe de acabar e que a maior exploração da classe trabalhadora e o aprofundamento da condição de dependência de determinadas economias, a partir do artefato da transferência de valor, na realidade, segue a tendência de intensificar-se.

¹ Obras centrais: Marini, Ruy Mauro. *Subdesarrollo y revolución*. México: Siglo XXI editores, 1969; Marini, Ruy Mauro. *Dialéticas de la dependencia*. México: Ediciones Era, 1973; dentre outras.

Em nossa opinião, uma grande contribuição de Carcanholo (2017) nesta obra é cravar a importância do elemento da historicidade, por vezes desconsiderado nas análises marxistas, afim de não assumirmos uma análise de Marx desde uma perspectiva dogmática. Ao revés, a lei geral de acumulação capitalista em Marx, constitui o esteio para análises que precisam considerar a manifestação histórica específica de cada momento. Assim que, o esforço teórico do autor neste livro possibilita avançarmos no desenvolvimento de uma análise contemporânea da crise capitalista, mostrando-nos que as formas históricas de buscar superá-la, perpetuam a exploração, superexploração e dependência. Apesar desse cenário caótico, Carcanholo (2017) em sua leitura dialética da história, nos anima lembrando que é no próprio movimento histórico que a classe trabalhadora pode vir a tomar consciência de si (para si) e propor a construção de uma alternativa concreta anticapitalista. Caracterizar e interpretar o mundo em seu estágio atual é uma condição primeira para lograr transformá-lo.